

Análise toponímica da carta da Nova Lusitânia

Paulo Márcio Leal de Menezes¹
pmenezes@acd.ufrj.br

Manoel do Couto Fernandes¹
manoel.fernandes@ufrj.br

Kairo da Silva Santos¹
kairo.geo@gmail.com

Fernando de Souza Antunes¹
fer.souza.antunes@gmail.com

Patrick Loss Oliveira¹
patrickloss.ufrj@gmail.com

José Gomes dos Santos²
jgs966@gmail.com

Resumo:

O objetivo deste trabalho é apresentar uma análise da toponímia existente no exemplar de 1798 da Nova Luzitania, bem como levantar questões sobre as diferenças encontradas nas demais versões, principalmente no que tange à diferenças ortográficas, quantidade de topônimos e alterações toponímicas

O mapa denominado “*Carta da Projecção Geographica Espherica Orthogonal da Nova Luzitania ou America Portuguesa e Estado do Brazil*”, de 1798, juntamente com as versões, é sem dúvida um dos monumentos cartográficos desenvolvidos pela cartografia portuguesa do fim do século XVIII. Tendo como organizador o geógrafo, astrônomo e capitão de fragata Antonio Pires da Silva Pontes Leme e um grupo listado em sua legenda de 34 personagens, entre astrônomos, geógrafos e engenheiros, que contribuíram para a sua construção. Nas demais versões, 1795, 1797 e 1803, apesar de não citados, acredita-se que a grande maioria dos colaboradores citados em 1798 também lá estivessem. Cabe aqui também citar os desenhadores Jozé Joaquim Freire e Manoel Tavares da Fonseca, citados nas versões de 1797 e 1798. No entanto, o exemplar existente na *Bibliothèque Nationale de France* (BNF), apresenta seu título como *Carte de l’Amérique équinoxiale et du Brésil* e é indicada sua autoria para José Lopes dos Santos, pois é o nome que

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. Departamento de Geografia– Instituto de Geociências. Laboratório de Cartografia – GeoCart, Av. Athos da Silveira Ramos, 274 – 21941-916 – Cidade Universitária – RJ, Brasil.

² Universidade de Coimbra – Departamento de Geografia.

se encontra no encarte da Barra do Pará, em seu canto superior direito.

A metodologia aplicada ao trabalho foi definida pela extração dos topônimos através no exemplar de 1798. É importante salientar que a extração foi desenvolvida sobre uma cópia digital com resolução de 300 dpi. Os topônimos foram extraídos por análise visual em ArcGis, sendo categorizados através da legenda do mapa e de feições geográficas identificadas por seu termo específico. Cidades, vilas, freguesias, sítios, fortalezas, registros e lugares, foram reunidas sob um grande grupo denominado assentamentos. As minas de ouro e de ferro, assim como lavras, foram agrupadas sob extração mineral. Divisas internacionais, divisão de capitanias, foram agrupadas segundo limites. Caminhos, teve uma classificação única. As feições hidrográficas, tais como rios, córregos, lagos, lagoas, praias, barras, pontas, cabos, arroios, enseadas, ilhas, cachoeiras, baixios ou baixos, recifes e outras, foram agrupadas sob um grande grupo denominado hidrografia. Serras, morros, campos, vulcões, picos foram reunidos sob o grupo orografia. Finalmente os nomes de tribos, grupos ou famílias indígenas, foram agrupados sob o nome de etnias. Dessa forma criou-se uma visão em árvore, que pode ser densificada quando necessária. Cada uma das feições extraídas teve associada as suas coordenadas de mapa (X,Y), definidas pelo sistema do ArcGis, pois será um elemento comparativo com alguns dos demais exemplares. Nesta fase foram extraídos 4170 topônimos, porém existe ainda um volume relativamente grande, que devido aos problemas de degradação do mapa, dependerão das fases subsequentes para serem extraídos.

A segunda fase, a qual está em andamento, diz respeito a localização do topônimo e identificação dos topônimos nas demais versões. Está sendo testada para o exemplar da BNF e de Lisboa, uma transformação de coordenadas, tendo em vista os mapas serem de resoluções e dimensões diferentes, não se tendo chegado a uma melhor definição desse processo. Em relação ao mapa de Coimbra, por não haver uma digitalização completa de todo mapa em alta resolução, a análise está sendo elaborada visualmente, através das fotografias digitais tomadas pelo Prof. José Gomes da Universidade de Coimbra.

A terceira fase será definida pela classificação linguística, em espanhol, francês, inglês, português, indígena (procurando a identificação com a família indígena associada) ou híbrida, bem como se ocorreu algum tipo de alteração ortográfica.

Por último serão consideradas as mudanças de posição de topônimos, os quais deverão ser acompanhados de uma figura do local onde ocorreu a alteração. Topônimos faltantes em uma ou outra versão, como também a própria falta da feição geográfica (rios, praias, lagoas, etc), também serão reportados.

A fase final do trabalho será a configuração de um banco de dados, onde todos os resultados serão reunidos e disponibilizados para a pesquisa, através de uma página web.